



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO- UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA- CESP
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA E HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

SILMARA NASCIMENTO ANDRADE

A ORATÓRIA: uma revisão dos elementos de persuasão do discurso político.

Presidente Dutra - MA

2022

SILMARA NASCIMENTO ANDRADE

A ORATÓRIA: uma revisão dos elementos de persuasão do discurso político

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de Licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. John Jefferson do N. Alves.

Presidente Dutra - MA

2022

Andrade, Silmara Nascimento.

A Oratória: uma revisão dos elementos de persuasão do discurso político / Silmara Nascimento Andrade. – Presidente Dutra, MA, 2022.

... f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientador: Prof. Me. John Jefferson do Nascimento Alves.

1. Linguagem 2.Persuasão. 3.Oradores. 4.Discurso Político. I Título.

CDU: 808.5:32.019.51

SILMARA NASCIMENTO ANDRADE

A ORATÓRIA: uma revisão dos elementos de persuasão do discurso político

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas
de Língua Portuguesa da Universidade Estadual
do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau
de Licenciado em Letras Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovada em: 27/07/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. John Jefferson do Nascimento Alves
Mestre em Letras - UERN

Widêglan Marques S. Bezerra

Laize Oliveira Silva

Dedico este trabalho a Deus, o maior orientador da minha vida. Ele nunca me abandonou nos momentos de necessidade, ao meu filho que ainda está sendo gerado, ao meu esposo e a toda família.

AGRADECIMENTO

A Deus, meu Pai sagrado, pela infinita bondade e pelos seus cuidados diários.

Agradeço toda minha família pelo apoio constante e incentivo, ao meu esposo Jackson Costa Carvalho, pela paciência e incentivo constante.

Agradeço ao professor John Jefferson do Nascimento Alves pelos ensinamentos, atenção e, sobretudo ter aceitado ser seu orientador de última hora, sem o qual eu não teria terminado meu trabalho de conclusão, só tenho agradecer.

A Instituição do curso.

A todos os meus amigos da faculdade e da vida, pela força, parceria e compreensão;

*"Somos aquilo que fazemos
repetidamente. Excelência, portanto, não
é um ato, mas um hábito."*

Aristóteles

RESUMO

Considerando-se a importância da linguagem, para toda e qualquer interação social, assim como antes, os oradores usavam as palavras e toda sua eloquência a fim de persuadir e convencer o seu público. No século XXI também não é diferente, portanto, a escola deve despertar maior interesse nas crianças e jovens para que possam buscar enriquecer o seu vocabulário, pois, é por meio da palavra que o indivíduo busca se relacionar com os seus semelhantes. Diante disso como a linguagem dos oradores políticos pode persuadir na tomada de decisão dos eleitores? Sabe-se que o discurso pode desencadear uma sequência de ações que vem a depender das habilidades comunicativas. Sem a linguagem, o homem não saberia estabelecer vínculos psicológicos e sociais com o outro que é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente. A pesquisa pretende refletir o uso positivo da linguagem persuasiva como ferramenta indispensável utilizada pelos oradores, assim como conhecer os aspectos retóricos utilizados na linguagem para influenciar a tomada de decisão. Mostrar a importância da linguagem dentro do discurso persuasivo. Identificar as diversas estratégias de persuasão utilizadas nos discursos políticos. A pesquisa visa apresentar uma revisão bibliográfica acerca da temática proposta pelo título do trabalho, valendo-se de livros, sites, artigos e outros documentos. É através das principais estratégias discursivas escolhida como a mais pertinente a ser observada, e é a construção que o candidato faz de uma imagem de si mesmo, perante os eleitores, na busca incessante pela vitória nas eleições, pois, é através dela que ele consegue fazer uma conexão de saberes para persuadir o eleitor.

Palavras-chave: Linguagem. Persuasão. Oradores. Discurso Político.

ABSTRACT

Considering the importance of language for any and all social interaction, as before, speakers used words and all their eloquence in order to persuade and convince their audience. In the 21st century it is also no different, therefore, the school should arouse greater interest in children and young people so that they can seek to enrich their vocabulary, because it is through the word that the individual seeks to relate to their peers. Given this, how can the language of political speakers persuade voters in decision-making? It is known that speech can trigger a sequence of actions that depend on communicative skills. Without language, man would not be able to establish psychological and social bonds with the other who is, at the same time, similar and different. The research intends to reflect the positive use of persuasive language as an indispensable tool used by speakers, as well as Knowing the rhetorical aspects used in language to influence decision making. Show the importance of language within persuasive speech. Identify the different persuasion strategies used in political speeches. The research aims to present a bibliographic review on the theme proposed by the title of the work, using books, websites, articles and other documents. It is through the main discursive strategies chosen as the most relevant to be observed, and it is the construction that the candidate makes of an image of himself, before the voters, in the incessant search for victory in the elections, because it is through it that he gets make a connection of knowledge to persuade the voter.

Keywords: Language. Persuasion. Speakers. Political speech.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OS ASPECTOS RETORICOS E O USO DA LINGUAGEM PARA UMA BOA ORATÓRIA	11
2.1 A linguagem e a retórica numa visão histórica	14
2.2 O poder que os recursos linguísticos têm em influenciar a tomada de decisão	16
3 PRINCIPAIS CONCEPÇÕES DA LINGUAGEM	20
3.1 Relação da linguagem com o surgimento do discurso	21
3.2 Linguagem e suas concepções dentro do discurso persuasivo	23
4 O DISCURSO POLÍTICO SOB A ÓTICA DA PERSUASÃO	26
4.1 O poder da persuasão no discurso político	28
4.2 As principais estratégias que favorecem os discursos persuasivos utilizados pelos oradores políticos	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende mostrar os elementos de persuasão utilizados nos discursos políticos, onde serão identificadas as estratégias que são de suma importância para o orador ter bom êxito em seus discursos. Ao estudarmos acerca da oratória e persuasão, vimos sua grande importância para a sociedade, pois os discursos estão presentes em todas as esferas da vida social, em todas as formas de linguagem.

Inicialmente uma breve abordagem sobre os aspectos retóricos e o uso da linguagem para uma boa oratória. Em seguida a linguagem e a retórica em uma visão histórica, sob a ótica de diversos autores como Koch, Louis Hjelmslev, linguística Francês entre outros, seguido pelo poder que os recursos linguísticos têm em influenciar a tomada de decisão, levando em consideração a grande relevância da palavra dentro do meio social.

Sendo necessário ainda entendermos o processo de comunicação, é importante conhecer e compreender as diferentes concepções de linguagem, já que a mesma está presente em nossa vida. Desde a antiguidade o homem busca compreender a origem da linguagem e sua importância no processo de comunicação.

A linguagem é o principal elemento do discurso, estará sempre ligada, fomentando os recursos presentes dentro do discurso. Em seguida o discurso político sob a ótica da persuasão sendo umas das ramificações do discurso, o discurso político tem o mesmo histórico e significado, trazendo em si algumas características específicas, que acabam por torná-lo um dos diferenciais existentes dentro da política moderna.

Seguindo o poder da persuasão no discurso político sob a ótica de diversos autores Adilson Citelli, Reboul e Petri, onde o discurso político vem ganhando espaço no meio dos estudiosos, pois a cada dia tem que ser inovado e ainda mais convincente, e é assim que o homem vem convencendo o mundo que suas propostas devem ser seguidas.

E por fim, uma breve revisão sobre as principais estratégias que favorecem os discursos persuasivos utilizados pelos oradores políticos.

2 OS ASPECTOS RETÓRICOS E O USO DA LINGUAGEM PARA UMA BOA ORATÓRIA.

Para conhecer as características da retórica e sua importância dentro da linguagem, é fundamental compreendermos todo o seu processo de desenvolvimento na sociedade. Desde os tempos remotos a retórica teve e tem grande valia dentro do discurso, pois é a partir dela que conseguimos transmitir de forma estruturada e convincente aquilo que pensamos. O domínio da palavra sempre foi de grande preocupação para os grandes oradores gregos, sendo que a oralidade era uma das suas principais características, pois precisavam falar bem em seu dia a dia para convencer o seu público e sempre buscavam as melhores formas de persuadi-los.

Segundo Reboul Olivier (2004, p.2):

Apresenta duas datas aproximadas para o nascimento da retórica; 480 a.C., batalha de Salamina, no qual os gregos coligados triunfaram definitivamente sobre invasão persa, quando começou o grande período da Grécia Clássica; 399, ainda antes da nossa era: morte de Sócrates.

A palavra Retórica (origina do grego rhetoriké, “arte da retórica”, subentendendo-se o substantivo téchne) a retórica é considerada, desde a Antiguidade até os nossos dias, a arte da palavra. Segundo Reboul (2004 p.2) a retórica nasceu em Sicília grega por volta de 465, e Córax dá a primeira definição da retórica: ela é “criadora de persuasão” sendo que a primeira retórica que surgiu foi à judiciária que tinha o propósito de alcançar as necessidades da sociedade da época tendo em vista que nesse período não existia advogados.

Córax, discípulo do filósofo Empédocles, e o seu próprio discípulo, Tísias atentos a essa grande necessidade prática discursiva, publicaram então uma “arte oratória” coletânea de preceitos práticos que continha exemplos com o objetivo de instruir as pessoas que recorressem à justiça e saberem sustentarem as suas razões por meio de uma boa argumentação e vencer qualquer demanda.

Os retores, com o senso agudo de publicidade, ofereceram aos litigantes e aos logógrafos que era uma espécie de escrivães públicos, um instrumento de persuasão que afirmavam ser invencível capaz de convencer qualquer pessoa de qualquer coisa. Sendo que sua retórica não argumenta a partir do verdadeiro, mas a partir do verossímil.

Córax é considerado o inventor do argumento que leva seu nome, o córax, e que deve ajudar os defensores das piores causas. Consiste em dizer que uma coisa é inverossímil ser ele o agressor. Mas se for forte, se todas as evidências lhe forem contrárias, sustentará que, justamente, seria tão verossímil julgarem-no culpado que não é verossímil que ele o seja.

Górgias filósofo niilista, orador e retórico, surge uma nova fonte de retórica: estética e propriamente literária. Nascido por volta de 485, Górgias viveu cento e nove anos, sobrevivendo, pois a Sócrates. Também siciliano e discípulo de Empédocles, em 427 foi para Atenas numa embaixada. Sua eloquência e sua retórica bastante sofisticada encantaram os atenienses.

Górgias foi um dos fundadores do discurso epidíctico, ou seja, elogio público cria para esse fim uma prosa eloquente, multiplicando as figuras, que a tornam uma composição tão erudita, tão ritmada e por assim dizer, tão bela quanto à poesia. Suas figuras são, por um lado, de palavras: assonâncias, rimas, paronomásias, ritmo da frase; por outro, figuras de sentido e pensamento: perífrases, metáforas, antíteses. Para Górgias a palavras adquirir valor próprio porque não exprime a verdade, mas a aparência, e é capaz de criar, pela lógica ou pela paixão e emoção um mundo perfeito.

Outro importante no desenvolvimento da retórica foi Protágoras que também era um mestre itinerante, que ensinava ao mesmo tempo eloquência e filosofia, foi o fundador de erística, que depois virá a ser dialética. Partindo do princípio de que todo argumento pode-se opor outro, que qualquer assunto pode ser sustentado ou refutado, ele ensina a técnica erística, até de vencer uma discussão contraditória (“erística” vem de éris, controvérsia).

A retórica veio atender as diversas necessidades dos gregos: a necessidade de técnica judiciária, de prosa literária, de filosofia, de ensino que foi mencionado acima, mas Sócrates propor uma retórica no quais consegue satisfazer sozinho todas essas quatro exigências. Sócrates de gema viveu noventa anos (436-338). Devido sua voz fraca e sua invencível timidez impediram-no de ser orador, mas, se tornou professor de arte oratória. Opondo-se aos sofistas, que se vangloriavam de capacitar qualquer um a persuadir qualquer um, ele mostra que o ensino não é todo-poderoso. A seu ver, para ser orador são necessárias três condições. Para começar, aptidões naturais. Depois, prática constante. Finalmente

ensino sistemático. Onde a prática e o ensino pode melhorar o orador, mas não criá-lo.

Vimos que ao longo do estudo para encontrar uma definição exata para a retórica e sua origem não foi tarefa fácil para os grandes oradores gregos, talvez não se tenha entrado em um verdadeiro consenso sobre sua verdadeira definição, pois sempre houve divergências nos pontos de vista. Devido alguns conceitos dados a retórica por alguns, passou a ser vista de forma negativa, diante disso Platão condena a retórica como meio de manipulação onde os oradores usavam a retórica nos seus discursos de má-fé.

No entanto Aristóteles traz consigo uma nova definição de retórica atribui a ela um papel positivo, na realidade certa dignidade. Aristóteles (384-322) nasceu quinze anos depois da morte de Sócrates, é considerado um dos maiores pensadores de todos os tempos e também criador do pensamento lógico. A retórica que Aristóteles vai repensar integrando-a de início num sistema filosófico bem diferente daquele dos sofistas, e depois transformando-a em sistema.

Assim como Platão, Aristóteles defende a tese de que a retórica não é uma arte, nem uma ciência. Na sua definição a retórica é “a faculdade de considerar, para cada questão, o que pode ser próprio para persuadir”, perdendo a definição dada pelos sofistas de arte da eloquência e do “falar bem”, de arte oratória enfim, para se tornar um conjunto de técnicas “racionais”, visando a persuadir um auditório.

Dentro desta visão Lima (2011) diz que:

A importância da retórica na interpretação de Aristóteles consiste na capacidade de persuadir o ouvinte, fazendo com que ele formule um juízo sobre a situação que a ele se apresenta. Neste sentido, a retórica esteve e estará sempre ligada a política e a ética, tendo que as suas bases fincadas na psicologia e na lógica. (LIMA, 2011, p.11).

A retórica sempre esteve presente no cotidiano do ser humano, porém passou a ser estudada a partir de um dado momento, surgindo a curiosidade de como a retórica através do discurso leva o ouvinte a crer nas ideias defendidas pelo orador, e assim como antes a retórica ainda está presente no nosso cotidiano, como na política, nas campanhas publicitárias, em mensagens midiáticas entre outros.

Portanto, mesmo a retórica tendo passado por um longo período vista com certo tom de pejorativo e sinônimo de embelezamento, em nossos dias os estudos retóricos passaram a ser vistos com outro olhar, ganhou relevância na

análise do discurso, no estudo das figuras de linguagem e também na reflexão sobre expedientes argumentativos (CITELLI, 2004).

Podemos concluir que, mesmo com o passar dos séculos a retórica tendo suas alterações em suas funções nunca deixou de fazer parte da vida do ser humano. A retórica tem a linguagem como um componente fundamental para que ela possa exercer a sua principal função, a de persuadir. Para que o indivíduo se comunique retoricamente, faz-se necessária a utilização da linguagem, ou seja, é a partir dela que o ato persuasivo acontece diante das possibilidades que a mesma oferece de poder convencer alguém.

2.1 A Linguagem e a Retórica em uma Visão Histórica

Desde os primórdios da humanidade a linguagem vem contribuindo para o processo social, sendo uma ferramenta indispensável para a comunicação e o seu desenvolvimento. É por meio do domínio da língua que se estreita relação entre os indivíduos, pois é através dela que o homem se comunica e conseguem se expressarem e defenderem seus pontos de vistas.

A linguagem faz parte do nosso cotidiano, se olharmos a nossa volta, podemos encontrar as diversas formas que existem e que usamos para podermos estabelecer atos de comunicação, e tudo se tornou maneiras comunicação, tendo em vista que a mensagem pode chegar ao leitor em diversos planos, desde o mais simples ao mais complexo, e dentro desta visão:

O linguista francês Louis Hjelmslev, ao falar sobre a linguagem, diz ser ela ferramenta, espelho, lugar. Ferramenta por ser veículo de comunicação; espelho por refletir e traduzir o ser humano que se revela pela linguagem que utiliza; lugar porque reflete no meio físico-social onde vive. (LESSA 2014, página digital).

Diante disso podemos perceber que é por meio da linguagem que se conhece a cultura, o meio social onde o indivíduo convive e toda sua identidade. Pode-se afirmar ainda que, mediante a comunicação o indivíduo ao compartilhar suas ideias, valores e comportamentos acabam influenciando de uma forma direta ou indiretamente as tomadas de decisões dentro do meio social.

Dentro desta mesma visão Koch (2003) diz que:

É preciso pensar a linguagem humana como lugar de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos, por palavras, é preciso encarar a linguagem não apenas como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de

comunicação, mas sim, acima de tudo, como forma de interação social. (KOCH, 2003, p. 128).

E é por isso que a linguagem é considerada uma das primeiras formas de interação social do indivíduo, e à medida que as capacidades comunicativas se desenvolvem, o mesmo passa a melhor compreender o mundo que o cerca. Daí à importância da linguagem na vida do ser humano.

Nesta mesma concepção Franchetto e Leite (2004) citam que:

[...] a motivação para a linguagem humana vem da necessidade de comunicação, uma vez que os homens constituem uma sociedade. E o homem pode comunicar-se pelo movimento corporal (o gesto) ou pela vocalização (a palavra). É a linguagem como convenção que distingue o homem dos demais. O gesto nasce das necessidades físicas naturais; a palavra nasce da paixão, do sentimento. O homem não começou raciocinando, mas sentindo (FRANCHETTO e LEITE, 2004, p. 17).

Desta forma, percebemos que a comunicação existe desde os nossos primórdios, a comunicação não é apenas através da fala, mas a necessidade faz com que surjam as mais variadas formas de interação. Isso fez com que a necessidade abrisse uma forma de comunicação entre todos, podendo ser através de símbolos verbais e acústicos.

Contudo é através da linguagem o homem consegue se comunicar, mas é por meio da retórica que consegue comover, persuadir, agradar quem está lendo ou ouvindo. De acordo com o estudo, a retórica nasceu por volta do século V a.C. em Sicília na Grécia Antiga. Atribui-se com os primeiros precursores da retórica aos sofistas, sendo que um dos grandes motivos de sua origem foi condicionado pelas relações sociais. Esse período foi marcado pela transição de um governo tirano para um regime democrático, após a queda do tirano Trasíbulo da Sicília que sucederam-se inúmeras causas, foi a partir daí que os sofistas Córax e Tísias buscaram através técnicas desenvolver a arte da palavra por meio de seus discursos persuasivos para recuperar as terras e os direitos dos Sicilianos. Logo pode ser notado que a retórica surgiu da necessidade de defender os direitos daquele povo por meio do discurso persuasivo.

Os sofistas eram mestres itinerantes que percorriam cidades ensinando a oratória e a arte da retórica as pessoas interessadas, para alcançar o objetivo de persuadir outras pessoas, por meio da vida política e jurídica. As ideias e as maneiras que os sofistas ensinavam a arte da oratória não eram aceitas pelos filósofos, por meio de seus ensinamentos o discurso eram visto com aqueles que iam

contras as regras, quebrando os valores e assim provocando uma verdadeira revolução na educação em sua época.

Umas das críticas aos sofistas eram sobre o ensino da retórica que era restrito, apenas quem podia ter acesso às aulas eram os nobres e aqueles que podiam pagar. Assim tanto aprendiam a arte da retórica, com ganhar prestígio e respeito com os cidadãos.

Segundo Reboul (2000) relata como os sofistas criaram a Retórica:

Pode-se dizer que os sofistas criaram a Retórica como arte do Discurso persuasivo, objeto de ensino sistemático e global que se fundava numa visão de mundo. Ensino global: é aos sofistas que a Retórica deve seus primeiros esboços de gramática, bem com a disposição do Discurso de um ideal de prosa ornada e erudita. Deve-se a eles ideias que a verdade nunca passa de acordo de interlocutores [...] No entanto o fundamento que dão à Retórica parece-nos bem perigoso. [...] Certamente porque mundo sofista é um mundo sem verdade, um mundo sem realidade objetiva, capaz de criar o consenso de todos os espíritos. [...] A finalidade dessa Retórica, não é encontrar o verdadeiro, mas dominar através da palavra; ela já não está devotada ao saber, mas sim ao poder. Com a sofística, a Retórica é rainha, mas despótica porquanto ilegítima. (REBOUL, 2000, p. 09).

Os sofistas tinham como sua principal finalidade mostrar a sua capacidade por meio da retórica, buscando sempre dominar a arte da oratória, além disso, a grande importância não era alcançar a verdade, mas sim convencer usando toda a sua eloquência nos seus discursos, para eles a verdade era relativa e transitória, e que as verdades eram construídas na argumentação, através do diálogo levariam os indivíduos a encontrar uma verdade no consenso.

Diante de todas essas ideias e ideologias já mencionadas, Platão se contrapõe com todo movimento sofista. Pois os sofistas dominavam a oratória, mas através dos seus ensinamentos de retóricas acabaram buscando a fama e a riqueza no meio ateniense, e com isso desenvolveram um método retórico que tinha como principal objetivo a simples necessidade do convencimento sem se preocupar com a verdade. Segundo Paviani (2008) outro motivo que possa contribuir pela não aceitação dos sofistas, é o fato destes não serem cidadãos atenienses.

2.2 O poder que os recursos linguísticos têm em influenciar a tomada de decisão

O domínio da palavra sempre foi de grande relevância dentro do meio social, pois é através dela que o homem tem o poder de criar, prometer e negar, e dentro da tomada de decisão se vale desse recurso como seu principal instrumento,

e para alcançar o real objetivo dentro da determinada decisão seja ela qual for, é necessários que usamos recursos que a linguagem nos proporciona.

A comunicação é complexa e sofisticada e trás consigo alguns recursos que busca atingir e conquistar o interlocutor. “E as figuras de retóricas são importantes para prender a atenção do receptor naqueles argumentos articulados pelo discurso” (CITELLI, 2004, p. 21). E as mesmas são recursos linguísticos utilizados especialmente a serviço da persuasão, de acordo com o linguista Roman Jakobson as figuras mais usadas são a metáfora e a metonímia na maioria dos textos. (CITELLI, 2004, p. 22).

E não é de hoje que a metáfora vem sendo trabalhada e discutida, desde os tempos antigos (384-322 a.C.). Um dos precursores das metáforas foi Aristóteles, que utilizou dentro das poesias e também na retórica, para que trouxesse uma maior emoção atrativa dentro de seus escritos. (CAVALCANTE, 2002).

Segundo Almeida (2008):

Da antiguidade clássica até meados do século XX, a metáfora era vista exclusivamente com uma figura de linguagem que servia ao embelezamento de textos e discursos. De acordo com essa visão, que tem suas raízes no pensamento aristotélico, ela teria as funções de auxiliar na persuasão, quando analisada sob a ótica da retórica, de criar estéticos agradáveis, quando observada a partir da perspectiva da poética. (ALMEIDA, 2008, p. 3).

As metáforas não estão presentes apenas na linguagem poética, mas também no pensamento e nas ações da vida cotidiana do ser humano, algumas metáforas estão naturalizadas dentro de uma cultura que muitas das vezes passa por despercebida, e não é possível realizar um discurso eloquente e persuasivo sem a utilização de forma coerente das metáforas.

Dentro desta perspectiva Lakoff e Johnson (2002) defendem que:

A metáfora não é apenas uma questão de linguagem, mas de pensamento e razão. A linguagem é secundária. O pensamento é primário, pelo fato de que sanciona o uso da linguagem do domínio fonte e os padrões de inferência para os conceitos de domínio alvo. O mapeamento é convencional, isto é, é uma parte fixa de nosso sistema conceptual. [...] Essa visão de metáfora está totalmente em oposição com a visão de que as metáforas são apenas expressões linguísticas. (LAKOFF e JONHSON, 2002, p. 208-209).

E é assim que as metáforas vêm sendo vista hoje, não só como elementos que deixam o texto mais bonito, mas também como elementos ou palavras que enriquecem o texto e trazem dentro de si uma reflexão ao ouvinte,

fazendo com que o receptor da mensagem venha dar uma maior atenção ao tema trabalhado e por isso vem ganhando tanta força dentro dos textos.

E é diante disso, que Guimarães e Lessa (1988) afirmam que a metáfora é uma:

Figura de palavra em que um termo substitui outro em vista de uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam. Essa semelhança é resultado da imaginação, da subjetividade de quem cria a metáfora. A metáfora também pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o conectivo não está expresso, mas subentendido. (GUIMARÃES e LESSA, 1988, p. 9).

Até hoje as metáforas são vistas da maneira tradicional, no entanto sabemos que as metáforas tomaram uma dimensão bem maior e passaram a ter um maior significado dentro do meio social, servindo não apenas para comunicar, mas também como aproximação entre o escritor e leitor e é assim que Sardinha (2007) traz o significado da metáfora:

As metáforas são recursos retóricos poderosos e são conscientemente usados por políticos, advogados, jornalistas, escritores e poetas, entre outros, para dar mais 'cor' e 'força' a sua fala e escrita. Elas também são meios de expressar uma grande quantidade de informação. Ao mesmo tempo, é um modo simples de expressar um rico conteúdo de ideias, que não poderiam ser bem expresso sem elas. As metáforas também criam uma relação de proximidade com o ouvinte, o leitor ou a plateias, pois ao 'entender' a metáfora, o leitor passa a ser cúmplice do falante (SARDINHA, 2007, p. 13-14).

Podemos dizer que a figura de linguagem metáfora vai muito além do embelezamento do texto, tomou novos significados ao longo dos tempos, trazendo em si significados implícitos que acabam atingindo o subconsciente do ouvinte, fazendo com que a mensagem chegue da forma como o interlocutor deseja.

E é nessa visão que Pêcheux (1975), diz que:

O sentido só existe em relação de metáfora dos qual certa formação discursiva vem a ser o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões, proposições recebem seus sentidos das formações discursivas nas quais se inscrevem. A formação discursiva se constitui na relação com o interdiscurso (a memória do dizer), representando no dizer as formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1975 apud ORLANDI, 1996, p. 21).

Para que as metáforas tenham maior significância é necessário que o lugar seja propício e esteja preparado para receber as informações contidas nas mensagens e é desta forma que os discursos político são apresentados e conseguem atingir uma grande quantidade de pessoas, pois procuram as palavras certas, para o local desejado e se utilizam buscando as riquezas das metáforas para atrair o maior público possíveis.

Portanto, o uso da metáfora vai muito além do recurso gramatical, que embeleza e usa sentido figurados dentro dos escritos e passa ser também um recurso linguístico, que busca uma maior aproximação entre os envolvidos e faz com que as mensagens sejam melhor entendidas pelo ouvinte, mesmo tendo palavras que ficam implícitas as mencionadas dentro do texto ou discurso o ouvinte por si só, buscará uma significância para poder tirar suas próprias conclusões.

3 PRINCIPAIS CONCEPÇÕES DA LINGUAGEM

Para entendermos o processo de comunicação, é de suma importância conhecer e compreender as diferentes concepções de linguagem, já que a linguagem está presente em nossas vidas, e a partir dela nos tornamos seres sociáveis no meio ao qual estamos inseridos. A literatura linguística menciona três concepções que envolvem a questão de ensino e aprendizagem da língua, que são: A linguagem com expressão do pensamento, a linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como processo de interação.

Nessa primeira concepção procura-se explicar a linguagem a partir das condições psíquicas particular do sujeito falante, e é nela que se defende a ideia que a linguagem é apenas um mero reflexo de processos mentais dos indivíduos, além disso, defende a ideia de que o sujeito que fala ou escreve seguindo as normas gramaticas da língua, é um individuo que organiza logicamente seus pensamentos, e o que realmente importa, é expressar as ideias dentro de uma organização logicas de pensamento, sem se preocupar a interação comunicativa.

Segundo Travaglia (1996):

[...] as pessoas não se expressam por bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece. (TRAVAGLIA, 1996, p. 21).

Seguindo esta mesma linha de raciocínio, podemos perceber o quanto a leitura faz a diferença na expressão do pensamento, pois é a partir da leitura e do bom conhecimento das palavras que podemos utilizá-las para melhor expressão o pensamento, visto que a riqueza da leitura é tão grande que nos permite enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio, a interpretação e além de favorecer o aprendizado de conteúdos específicos e aprimora a escrita.

Já na segunda concepção que é a linguagem como instrumento de comunicação, Travaglia (2009 p. 22) afirma que, “Nessa concepção a língua é vista como um código, ou seja, um conjunto de signo que se combinam segundo regras e é capaz de transmitir uma mensagem, informações de emissor para um receptor.” Mas é necessário que os indivíduos conheçam e dominam o mesmo código para que a comunicação possa acontecer. Nessa concepção não é levada em consideração contexto, ideologia e as variações linguísticas, mas simplesmente a

comunicação, onde a linguagem é concebida com ferramenta indispensável para a transmissão de mensagens. Koch (1992 p. 9-10) afirma que, “a principal função da linguagem é neste caso, a transmissão de informações.” Onde vê a língua como um código pronto, à disposição dos usuários, onde os mesmo utilizarão apenas como um mero instrumento de comunicação.

Já na terceira concepção a linguagem como processo de interação, é uma das únicas concepções apresentada que a linguagem é considerada não apenas para a comunicação, mas também para estabelecer interação social. “A linguagem é, pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentidos entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio- histórico e ideológico” (Travaglia, 1996, p.23).

É por intermédio da linguagem que o individuo consegue se comunicar e assim interagir com o grupo social no qual está inserido, e assim tanto o sujeito como destinatário estão expostos a receber e a provocar mudança um ao outro. Essa concepção interacionista da linguagem contrapõe-se às visões conservadoras da língua, onde não tem nenhuma interferência social, o que é condizente com a realidade na qual estamos inseridos.

Nas palavras de Koch (1992):

A terceira concepção, finalmente é aquela que encara a linguagem como atividade, como forma de ação, ação interindividual, finalisticamente orientada, como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes, reações e/ou comportamentos. (KOCH, 1992, p. 9-10)

Portanto, ao analisamos as três concepções de linguagem, pode ser observado que a linguagem que mais é aceita, é a linguagem como forma ou processo de interação, é aquela que não é vista somente como um elemento de exteriorização do pensamento ou transmissor de informações, mas a linguagem é assumida em sua dimensão histórica e social, em que o homem e a linguagem são indissociáveis.

3.1 Relação da linguagem com o surgimento do discurso

A linguagem sempre despertou o interesse humano. Desde a antiguidade o homem busca compreender a origem da linguagem e sua importância no processo de comunicação. Desde a Grécia Antiga os pesquisadores procuram apresenta o

seu conceito. Porém o conceito de linguagem é muito amplo, pois ela se refere a todos os recursos simbólicos existentes em uma sociedade para possibilitar a comunicação humana.

E o discurso é um ato de linguagem interativo que veio com objetivos definidos, e desde períodos bem remotos o discurso já vem sendo utilizado, pois o homem sempre teve uma liderança e para que isso fosse possível, era preciso que os representantes convencessem os demais, que ele era a pessoa ideal para estar na linha de frente da população. E isso acontecia por meio das palavras sendo ditas, oralmente ou por escrito, ou até mesmo por meios não verbais de linguagem, em todas essas práticas há discursos, desta forma podemos dizer que o discurso tem uma relação bem íntima com a linguagem, tendo em vista que a linguagem é o meio de comunicação dos seres humanos, como afirma Viana (2009):

A linguagem é constituída com o objetivo de nomear o existente. Ela acaba tendo, naturalmente, uma formação semelhante ao da sociedade existente, em determinada época e com determinadas relações sociais. Desta forma, a linguagem interfere na consciência e na constituição da mentalidade dos indivíduos. A linguagem é o meio pelo qual os indivíduos se comunicam e manifestam sua consciência e, por isso, acaba sendo uma das múltiplas determinações da consciência. Este processo, porém, não significa nenhum determinismo linguístico. (VIANA, 2009, pag.7)

Daí o surgimento do discurso perante as diversas classes existente, buscando sempre a utilização dos recursos linguísticos para atrair ainda mais os ouvintes. É dentro dessa perspectiva que os oradores se apegam para poder persuadir o público desejado.

O discurso durante muitos anos só poderia ser dito pelas elites, o que vem mudando ao longo dos anos, como explica Viana (2009):

O poder censura os discursos, não permite que qualquer ideia venha à tona, mas tão-somente permite a manifestação daquelas ideias que estão de acordo com as relações de poder instituídas em uma determinada sociedade. Além disso, o discurso reproduz o poder, tem um caráter mobilizador, ou seja, age sobre a realidade no sentido de reproduzir/questionar as relações de poder. (VIANA, 2009, p. 10).

No entanto, o discurso começou a tomar formas bem maiores e atingindo um público que não era seletivo, chegando a todas as comunidades urbanas e rurais e com grandes representantes, não sendo estes da elite, mas aquele que estar inserido naquela região, buscando sempre levar as melhorias e procurando fazer com que as pessoas reconheçam seus direitos e assim possa ter voz e vez. Portanto, podemos perceber a grande riqueza que o discurso trouxe para a sociedade atual.

3.2 Linguagem e suas concepções dentro do discurso persuasivo.

A linguagem nasceu pela necessidade dos seres humanos de se comunicarem, e foi através dessa relação que o homem procurou as melhores formas de interação através da palavra para resolverem os problemas presente no meio social, e é por isso que esse termo é totalmente ligado à sociedade, pois veio como forma de melhorar o convívio social, dentro desta visão Nildo Viana (2009) cita que:

A consciência que temos do mundo é mediada pela linguagem, que facilita ou cria obstáculos para o seu desenvolvimento. A linguagem não é apenas um produto técnico, neutro, acima das relações sociais. A linguagem é social. Sendo um fenômeno social, não se pode desvincular linguagem e sociedade. Isto se reproduz em todas as esferas da vida social, nas escolas, no processo educacional em geral, nas relações internacionais, na política institucional, nas instituições sociais, na produção de bens materiais, inclusive na linguagem. (VIANA, 2009 p.6).

Por esse motivo que a linguagem é tão importante, surgiu com o objetivo de modificar a sociedade, apesar de por muitos séculos ser dirigida apenas pelos elitizados e com significados já definidos, como sinônimo de poder, hoje ela ganhou força e vem crescendo a cada dia com objetivos bem definidos e com recursos cada vez mais ricos, visando não só comunicar, mas também de convencer através de um discurso inovador e atrativo.

Diante disso Nildo Viana (2009) conclui:

Assim, a ressignificação dos conceitos e palavras, a recuperação de significados perdidos ou deformados, o processo de desenvolvimento de novos conceitos, são necessários e fazem parte das lutas sociais contemporâneas por um mundo radicalmente diferente. Neste sentido, é preciso reconhecer a importância da linguagem neste processo social mais amplo que é a luta pela transformação social. (VIANA, 2009, p. 11).

A linguagem ganhou seu espaço não apenas pela forma comunicativa, mas pela valoração que trouxe as seres humanos em determinadas épocas, e não foi fácil fazer com que todas as classes sociais tivessem voz e pudessem criar seus próprios discursos, não só como forma de interação, mas como forma de brigar por direito, e foi a partir disso que as classes baixas puderam abrir-se para as novas informações, trazidas por representantes que tiveram, através de seus discursos convencer que eles também faziam parte da sociedade.

Dentro desta concepção Bakhtin (1992), esclarece que:

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor [...]. "Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado" [...] a enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística. (BAKHTIN, 1992, p. 30).

É dentro desse contexto que o discurso também começa a ganhar seu real significado, visto que a população começa não só a receber informações, mas também a amadurecer as ideias propostas a através isso começaram a argumentar, questionar e a se defenderem dos discursos falsificados que vinham através das classes dominantes.

Dentro deste seguimento Viana (2009) define discurso da seguinte forma:

Podemos definir o discurso da seguinte maneira: é uma manifestação concreta e delimitada da linguagem. As suas partes constitutivas são a estrutura e a conjuntura e o caráter de sua estrutura é unissêmico. Isto quer dizer que o discurso é algo concreto e delimitado, ou seja, é sempre o discurso de um autor, de uma escola, de um grupo social, etc., que possui uma estrutura unissêmica e é uma totalidade. Assim, o discurso é uma manifestação particular, específica, concreta da linguagem e que possui uma estrutura unissêmica, sendo, pois um todo coerente e organizado, embora o nível de coerência e organização varie dependendo do discurso. A coerência e organização dependem de quem profere o discurso. [...]. O discurso, por conseguinte, é constituído socialmente e para descobrir seu processo de produção é preciso compreender o seu produtor. O discurso não é uma "entidade abstrata", mera peça de uma unidade mais ampla chamada "formação discursiva", como em Foucault, e sim uma manifestação concreta da linguagem, mas não é derivado e constituído pela linguagem e sim pelos seres sociais que usam a linguagem sob uma forma concreta e particular. Pensar que o discurso é um produto da linguagem ao invés dos seres sociais (mesmo que a linguagem crie obstáculos para a livre manifestação deles) é nada mais do que uma concepção fetichista da linguagem. (VIANA, 2009, p. 17).

É se utilizando da linguagem que os líderes procuram atingir a população com seus discursos, pois à medida que vão criar um discurso, antes disso fazem um estudo do contexto social onde ele será aplicado, e quais os recursos linguísticos deverão ser aplicados para trazer o público desejado e assim o objetivo seja alcançado. Em meio a tanto desenvolvimento a sociedade que vive em uma aceleração constante, pediu esse tipo de discurso, não só como forma de obter uma informação, mas para chegar a algo mais concreto em menos tempo e assim tirar as conclusões necessárias.

A linguagem é o principal elemento do discurso, estará sempre ligada, sempre a linguagem fomentando os recursos presente dentro do discurso. A

formação do dialogo se der por meio a fala ou escrita, sempre com intenções definidas, mas nem sempre expostas, cabendo ao ouvinte/leitor, tirar através de si algumas conclusões, e é assim que Nildo Viana (2009, pag. 20) nos complementa: “Desta forma observamos que o discurso possui uma estrutura, que é o seu conteúdo, a concepção que ele carrega, possui uma conjuntura, que são os elementos da linguagem que servem de auxílio para a sua transmissão”.

Levando em consideração o contexto atual, o discurso persuasivo vem tomando de conta da sociedade, isso ocorre devido ao grande número de parlamentares que a cada dia vem inovando e procurando novas formas de conseguir mais seguidores e também pelo alargamento do capitalismo, o que tornou tudo tão competitivo e dinâmico, fazendo com que as empresas também se utilizem dos recursos discursivos para atingir a clientela.

Samuel Mateus (2018) em sua obra nos relata que:

Na medida em que os discursos contêm visões de mundo que sustentam os sistemas de pensamento dos grupos sociais em relação à sociedade (defendendo, reforçando e legitimando as suas ideologias e interesses), os discursos possuem um enorme potencial retórico. Dito por outras palavras, o exercício retórico de persuasão decorre por intermédio dos mais variados discursos e as suas formas simbólicas. Há uma imbricação congénita. Isto significa que o campo da Retórica é deste modo, muito mais eclético. Não estando circunscrito a uma dissertação verbal (oral ou escrita), nem a uma razão linguística, os discursos de persuasão envolvem um campo de possibilidades infinito, desde a imagem publicitária, passando pelo silêncio até aos usos de procedimentos digitais como estratégia persuasiva. (MATEUS, 2018, p.20).

Portanto, é notória a mudança na sociedade e é por isso que a cada dia surgem novos recursos linguísticos, recursos estes que são utilizados por representantes da sociedade, por empresas, vendedores, que buscam a cada dia inovar em seus discursos, tendo em vista que a todo tempo estar havendo mudança e cabe ao locutor estudar as mudanças para melhor elaborar seus discursos, a inovação tem sido o grande diferencial de pessoas e empresas, pois podemos perceber que o discurso não é apenas escrito, ele tem pode ser visual, gestual, figurativos, vai depender do público o qual será destinado, o que torna ainda mais intrínseco a linguagem e o discurso.

4 O DISCURSO POLÍTICO SOB A ÓTICA DA PERSUASÃO.

Sendo umas das ramificações do discurso, o discurso político tem o mesmo histórico e significado, trazendo em si algumas características específicas, que acabam por torna-lo um dos diferenciais existente dentro da política moderna, tendo em vista que com o avanço do conhecimento e dos meios de comunicação, os políticos estão com uma tarefa mais difícil, no que tange ao convencimento da população ao apoio das campanhas eleitorais.

Devido a isso, o discurso persuasivo passou a ter uma importância bem maior, e a cada dia vem despertando novos estudos, para fomentar os desejos dos oradores, que acabam por pagarem bem caro por discursos prontos. Isso acaba por influenciar os escritores, tanto nos estudos da sociedade, quanto no estudo do discurso, pois os políticos acabam precisando de pessoas que conhecem as estratégias presentes dentro de um texto, que quando bem expresso acabam por convencer o ouvinte.

De acordo com Charaudeau (2013, p. 52), “todo discurso se constrói na intersecção entre um campo de ação, lugar de trocas simbólicas organizadas segundo relações de força e um campo de enunciação, lugar de mecanismos de encenação da linguagem”, e por isso o estudo prévio de onde o discurso será aplicado é tão importante e pode fazer toda a diferença.

Charaudeau (2013) completa a afirmação acima da seguinte forma:

O discurso político, no que concerne, às suas significações e a seus efeitos, não resulta da simples aplicação de esquemas de pensamento pré-construídos que se reproduziriam sempre da mesma maneira [...]. As significações e os efeitos resultam de um jogo complexo de circulação e de entre cruzamentos dos saberes e das crenças que são construídos por uns e reconstruídos por outros. Essa construção reconstrução se opera segundo o lugar ocupado no contrato e, ao mesmo tempo, segundo o posicionamento dos indivíduos que ocupam essas posições. (CHARAUDEAU, 2013. p. 52, 53).

É desta forma que o discurso persuasivo vem ganhando seu espaço, pois os oradores de sucesso sabem usar a retórica de forma atrativa, trazendo um embelezamento não só através das palavras, mas além do texto escrito a forma como o orador se expressa gestualmente contribui para uma melhor significação daquilo que estar sendo exposto. E tudo que é trabalhado discursivamente contribuem para a formação do objetivo desejado, fazendo com que as ideias sejam criadas nas mentes das pessoas.

Dentro desta visão Orlandi (2005) nos relata que:

Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele (ORLANDI, 2005, p.43).

Diante disso, podemos verificar que os recursos utilizados para atingir o imaginário da sociedade por meio da estilística textual, oratória e imagens, formam as relações necessárias para que as pessoas sejam atraídas persuasivamente pelas formas utilizadas pelo enunciador. Mas para que isso aconteça, devemos destacar que a forma como o orador deve se postar diante da população para se tornar atrativo e ter credibilidade para assim ter condições de se expressar, tendo como foco principal a persuasão.

É notório o objetivo de um político diante de seus discursos, no entanto quando o enunciador procura se colocar como a solução, através das palavras certas, criando nos ouvintes reflexão no ouvinte, esse fator que ora estava explicito, deixa de existir e tudo que ele relata passa a ser a verdade que o povo deseja. Isso acontece porque o orador procura mostrar a realidade, demonstrando conhecimento e acaba provocando o subconsciente do ouvinte, através dos relatos de verdades trazidas pelo enunciador e assim acabam ajudando a população a formar suas opiniões e a tomarem as próprias decisões. Seguindo este raciocínio Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), cita:

Uma argumentação eficaz é a que consegue essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou a abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para ação, que se manifestará no momento oportuno. (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 50).

Portanto, é no discurso persuasivo que os políticos se apoiam, essa arte tão antiga e tão estudada, causa efeitos muitos maiores que o esperado, pois persuadir não é apenas convencer, vai muito além do convencimento, pois nem sempre convencer leva a uma ação, uma atitude, já a persuasão política faz com que as pessoas comprem a ideia e acabam tendo a atitude de não só fazer parte daquele propósito ou projeto, mas levar o máximo de pessoas possíveis para aquele mesmo caminho, tornando assim um conjunto que fomentam a visão de alguns.

4.1 O poder da persuasão no discurso político.

Desde a Antiguidade, já existiam eleições, como na Grécia antiga, porém o direito ao voto em Atenas era restrito, apenas quem podia votar eram homens adultos nascidos na cidade, livres e quem possuíam treinamentos militares, e essas eleições que eram realizadas em Atenas tinham como objetivo escolher pessoas que ocupariam cargos com aptidão técnica como militares. E além de Atenas existiam eleições em outros povos, e cada um tinha suas particularidades e finalidades.

Desta forma podemos afirmar que as campanhas políticas estão presentes em nossas vidas há muitos séculos, mas no Brasil somente a partir de 1932 que teve a primeira eleição, que acontece não muito diferente de como começou em Atenas, que foi de forma indireta e apenas poucos podiam participar. No entanto apenas em 1989 que o povo brasileiro teve a oportunidade de participar das escolhas dos representantes do país por meio das eleições diretas para Presidente da República.

O político na Grécia antiga era responsável pelos negócios públicos, onde tudo era decidido em diálogo, mediante palavras persuasivas. O surgimento do discurso político é baseado na retórica e na oratória, orientado para convencer o povo, e ao longo da história o discurso político é constituído de argumentações fortemente persuasivas, com o intuito de tornar coletivas ideias e pensamentos, sobrepondo-se aos interesses da comunidade.

Segundo Citelli (2004 p.36) diz que: “é importante considerar um discurso persuasivo não apenas como realização de um indivíduo solitário, como se fosse algo criado e posto em circulação por uma única pessoa”. Mas o sujeito que apresenta um discurso, trás consigo ideologia onde tenta a persuadir por meio de seus argumentos, fazendo com que o ouvinte aceite as suas posições sobre determinado assunto e também passem a propagar aquela visão.

Reboul (2004 p. XIV) propõe a definição da retórica como arte de persuadir pelo discurso. Onde a retórica não é aplicável a todos os discursos, mas somente àqueles que visam persuadir, visto que persuadir é a maneira como as ideias são divulgadas em massa, pois o povo quando persuadido, passam a ser divulgadores daquilo que foi aplicado pelo orador.

Dentro desta visão Citelli (2004) relata que:

Pelo que se leu até aqui é possível afirmar a seguinte ideia acerca do discurso persuasivo: ele se dota de signos marcados pela superposição. São signos que, colocados como expressões de “uma verdade”, querem fazer-se passar por sinônimos de “toda a verdade”. Nessa medida, não é difícil depreender que o discurso persuasivo se dota de recursos retóricos objetivando o fim último de convencer ou alterar atitudes e comportamentos já estabelecidos. (CITELLI, 2004, p. 41).

Nos dias atuais onde a concorrência é enorme nas disputas políticas, não existe um ser mais interessado em obter conhecimento a respeito da comunicação, da arte de persuadir, do que os representantes políticos, pois é através deste conhecimento que constroem uma imagem de si mesmo, como forma de persuasão. E é desta maneira que o discurso político vem ganhando espaço no meio dos estudiosos, pois a cada dia tem que ser inovado e ainda mais convincente, e é assim que o homem vem convencendo o mundo que suas propostas devem ser seguidas.

É através de seu discurso que o homem age sobre o mundo e atua sobre os demais para obter deles as mais diversas reações ou comportamentos. Para atingir seus objetivos o homem argumenta através da língua. Argumentar constitui, pois, o ato linguístico fundamental (PETRI, 1994, pag. 45).

Contudo, o discurso político é diferenciado pelo alto grau de intencionalidade, e por isso é tão interessante, pois mesmo já trazendo objetivos definidos, a arte da eloquência, da persuasão, do gestual, da imagem do ser, quando bem trabalhada acabam sendo o principal atrativo para que o ouvinte consiga pensar conforme a ideia do orador e acabam difundindo as propostas ali expostas.

4.2 As principais estratégias que favorecem os discursos persuasivos utilizados pelos oradores políticos.

São muitas estratégias argumentativas- discursivas utilizadas, pelos candidatos com o objetivo de conquistar seu público alvo. O discurso político tem várias características, como: argumentação, estratégia, controvérsia, posição e persuasão. Os discursos políticos são caracterizados por abordar questões de aspectos ideológicos, ações governamentais, ou outras questões mais próximas da sociedade, como segurança do trabalho entre outros. O contexto que o líder está enfrentando influencia muito os seus discursos políticos.

De modo geral, é necessário que o orador conheça o seu público, e saiba as suas necessidades da comunidade, e assim consiga persuadir e consequentemente convencer, além disso, criar uma imagem sólida, procurar sempre antes das eleições apresentarem discursos mais pessoal, e bem direcionado, de acordo os anseios de seu público.

Umas das primeiras e principais estratégias usadas antes e durante a campanha política é o relacionamento e a comunicação entre ambos, pois sem esse contato é impossível conquistar a confiança do eleitorado. E em resultado dessa relação cria-se uma autoimagem do candidato julgando ele ser ou não ideal para resolver as necessidades e prover melhorias para população.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi idealizado com o propósito de evidenciar a importância da linguagem no discurso político como forma de persuasão dos ouvintes e/ou leitores. Nesse sentido, tanto a argumentação quanto a persuasão são técnicas a serviço do convencimento do ouvinte em relação às ideias disseminadas pelo orador.

Com a expansão dos meios de comunicação a retórica torna-se essencial como meio de persuasão e está presente em qualquer discurso político, uma vez que este se destina ao convencimento de determinada proposta ou ideologia.

A pesquisa realizada com base em diferentes fontes bibliográficas demonstra que a oratória é uma ferramenta poderosa e amplamente utilizada nos discursos políticos como forma de convencimento do público. Por ser uma estratégia complexa, envolve diversos fatores que devem ser considerados para que alcance a eficiência. Nesse sentido é importante a capacidade e o conhecimento do orador na utilização de recursos racionais e simbólicos que despertem no auditório a atenção na mensagem transmitida, garantindo assim credibilidade ao discurso.

É importante destacar ainda que em períodos eleitorais, observa-se um aumento das “fake News” nos meios de comunicação e nas mídias sociais que buscam mudar a opinião dos eleitores. Nesse sentido, é importante que os profissionais de educação, bem como os meios de comunicação se dediquem a ajudar a população a diferenciar mentiras e falsidades, em busca da verdade nas propostas de cada político, para que assim, possa ser escolhido aquele representante que tenha propostas que mais se aproximem das reais necessidades da população.

Reconhecer as ferramentas e estratégias utilizadas nos discursos políticos é fundamental para que se possam compreender os reais interesses dos que se propõe a governar municípios, Estados e a nação. Espera-se que as discussões aqui apresentadas não esgotem a temática em questão, mas que contribuam para que novos estudos possam ser realizados para que se alcance a real compreensão da influência dos discursos políticos na escolha dos representantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ricardo. **O Conhecimento no Discurso de Professores do Ensino Fundamental: metáforas conceituais em disputa/** Ricardo Luiz Teixeira de ALMEIDA (UFF), 2008.

BAKHTIN, M. **Os Gêneros do Discurso**. In: Estética da criação verbal. Martins Fontes: São Paulo, 1992.

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **A metáfora no processo de referenciação**. 2002. 191 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 16 ed. São Paulo: Ática, 2004.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. Tradução Dilson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2013.

FRANCHETTO, Bruna; LEITE, Yonne de Freitas. **Origens da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LESSA, Ana Cecília. **Figuras de linguagem: teoria e prática**. 2. ed. São Paula: Atual, 1988.

KOCH, Ingedore. **O Texto e a construção do sentido**. Campinas: Contexto, 1992
_____. I. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 128.

LAKOFF, George e JONHSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. São Paulo: Mercado de Letras, Educ, 2002.

LESSA, Luísa Galvão. **Importância da linguagem na vida das pessoas**. UFRJ – A gazeta, 2014. Disponível em: <https://agazetadoacre.com/2014/01/artigos/luisa-lessa/2014-01-08-15-36-14/>. Acesso em 24.07.2022.

LIMA, Marcos Aurélio de. **A retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia** / Marcos Aurélio de Lima. – Natal: IFRN, 2011.

Mateus, Samuel. **INTRODUÇÃO À RETÓRICA NO SÉC. XXI** - Editora LabCom. IFP - Covilhã, 2018.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005a.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PETRI, Maria José Constantino. **Argumentação linguística e discurso jurídico**. São Paulo: Selinunte, 1994.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica: teoria e prática**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 9.

_____, O. **Introdução à retórica**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SARDINHA, Tonny Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VIANA, Nildo. **Linguagem, Discurso e Poder - Ensaios sobre linguagem e sociedade**: Nildo Viana. 1. ed. Pará de Minas - MG: Virtualbooks, **2009**. 101p.